

# A EXPRESSÃO ESTÉTICA AFRO-BAIANA:

um modo  
conhecer-aprender



Desenho de José Lins do Rego, "Do Irem Brand", 1961, óleo sobre tela, São Paulo: Editora Três, 84.

Consuelo  
Oliveira\*

Não há como negar que o negro africano, oriundo de diferentes países e etnias, trazido à força para o nosso país na condição de escravo, traz o legado da pluralidade cultural para a constituição da sociedade brasileira. Entretanto, aqui, desconsiderou-se a sua filosofia, a sua arte, a sua religião, a sua tecnologia, os seus modos de ensinar e aprender. Foram vistos como seres inferiores, portadores apenas de força

\*Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, pesquisadora do KAWÉ.



muscular para trabalhos braçais. Ainda hoje permanecem marcas desse preconceito, que os estatutos ideológicos acentuam quando negam a contribuição de saberes de povos africanos e de seus descendentes.

A identificação dos terreiros de candomblé como espaços de ressignificação do legado africano e reconstrução de um conhecer afro-brasileiro, é um dos pontos fortes para o reconhecimento da cultura afro-brasileira como parte integrante da cultura nacional. Nesse âmbito, os terreiros também são considerados espaços pedagógicos, na perspectiva de Giroux e McLaren (1995:10), quando propõem que: *“existe pedagogia em qualquer lugar que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência [...]”*. Nessa dire-

ção, há pedagogia na vivência intercultural de saberes, nas diversas expressões estéticas dos terreiros, seja no dançar, cantar, fazer oferendas, confeccionar vestimentas, emblemas ou na edificação de locais de reverência aos orixás.

Estamos concordando com Guattari (1992), quando salienta que os paradigmas científicistas têm que ser substituídos por paradigmas ético-estéticos e com Maffesoli (1995), ao sinalizar que a dimensão estética nos remete ao desejo comunitário, às expressões rotineiras, aos sentimentos vivenciados em comum. A noção de esterização do existir está diretamente ligada à valorização de nossas ações cotidianas e podemos encontrá-la na organização de ambientes, no cuidado com o corpo, na disposição do alimento sobre a



Casa de Oxum, no Ilé Axé Ijesá - foto: Constelto Oliveira

mesa, no formato dos objetos ou no prazer de vibrar juntos por um espetáculo de futebol.

No momento em que as comunidades de terreiro elaboram oferendas aos orixás, ali estão presentes o saber se relacionar com a divindade, a estética da apresentação, o simbolismo mítico, o conhecimento ritualístico, o posicionamento filosófico. Daí dizermos que na roda de dança, durante as cerimônias de encontro com o orixá, ocorre o estabelecimento de múltiplas ligações: é ritual, é uma postura do estar no mundo, é a reatualização do mito, é história, é religião, é interculturalidade. Também nessa dimensão, o saber estético é vivenciado nos espetáculos de rua, nas apresentações musicais e de dança, na maneira de vestir, de fazer um alimento, de realçar o corpo ou na emoção do estar juntos.

Através do fazer estético, é possível a construção de significações que expressem sentimentos do nosso atuar no mundo. É um dos espaços discursivos para a dúvida, a denúncia, as dificuldades, as conquistas, os ansios por um mundo melhor. A exemplo disso a *performance* dos Filhos de Ghandi, no carnaval baiano, é um requerimento à paz; a de Carlinhos Brown, um chamamento para a valorização do saber da gente que vive na periferia; a do Ilê Aiyê,

uma defesa às origens africanas. Os carnavais baianos além de serem momentos de grande visualização estética, também atualizam os fundamentos da cultura afro-brasileira.

Com as discussões atuais, o que se requer é a possibilidade de proposições mais abertas e abrangentes do ato de conhecer-aprender. Estamos considerando que o conhecimento se constrói na inserção do sujeito em sua realidade, através de interações, construção de sentido e interpretação da realidade. Nessa perspectiva, a expressão estética é um dos modos de conhecimento da realidade. Esta compreensão requer uma visão educacional ampla, que vislumbre o fazer de grupos sociais distintos e perceba a importância do fazer estético, na mesma dimensão que os demais saberes.

No momento de transformações que estamos atravessando, é pertinente repensar o nosso sistema educacional, sua postura de distanciamento dos saberes de grupos sociais e de seus processos de construção de conhecimento e aprendizado. Estamos diante de uma situação histórico-social de



Carlinhos Brown

não mais desconhecer a diversidade cultural e o que isso implica, principalmente em um país que se expressa na imbricação de construções culturais diferenciadas. O saber estético afro-baiano não pode mais ser colocado de lado ou ser visto como algo exótico. Faz-se necessário o alargamento da concepção de conhecimento-aprendizagem, levando-se em conta que a realidade é múltipla, dinâmica e compõe-se de inúmeras possibilidades de construção de sentido. O fazer estético, então, possibilita a cada um de nós a vivência de posicionamentos diante da vida, seja em casa, na rua, na escola ou no terreiro.

A falta de informação ou posturas empobrecidas sobre o conhecer-aprender podem acarretar posicionamentos distorcidos que não condizem com as concepções de grupos sociais singulares. Para o reconhecimento das diversas maneiras de se interpretar a vida, faz-se necessário vencer as barreiras que empobrecem nossas visões de realidade. Não seria esse o momento de romper preconceitos em relação a esse saber e buscar o que ele tem a nos dizer? No mínimo, será uma busca também de nós mesmos, de nossas raízes e da oportunidade para o rompimento dos muros que erigimos durante a vida e do reconhecimento de nossas próprias origens culturais. A fac

da cultura brasileira, certamente, não é somente essa que os livros transpiram em ideologias que demerescem, inferiorizam e omitem. Precisamos repensar o fazer educacional de nossa região. Rever a linearidade, circularidade de determinadas propostas e realçar outras que ampliem a percepção do ser humano em nosso contexto histórico-político-cultural.



Artesanato Popular

Desenho de José Lanzelotti. Do livro Brasil: histórias, costumes e lendas. São Paulo : Editora Três, s/d.

## Referências Bibliográficas

- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GIROUX, A e MCLAREN, Peter. Por uma Pedagogia Crítica da Representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.10.
- MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

